

Inflação fecha o ano com alta de 4,26% e fica abaixo do teto da meta do BC

É a 1ª vez no atual governo Lula. Com juro alto, dólar baixo e queda de alimentos, índice é o menor desde 2018, mas serviços pressionam

MAYRA CASTRO E FABIO GRANER
economiaglobo.com.br
NOVO BRASIL

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) — usado como parâmetro da meta de inflação do Banco Central (BC) — subiu 0,33% em dezembro, abaixo do previsto. Com o resultado, a inflação acumulada em 2025 ficou em 4,26%, dentro da meta, que é de 3%, com limite máximo de 4,5% e piso de 1,5%. No início do ano passado, as projeções do mercado para o IPCA chegavam a 5% e 6%, mas o índice de preços acabou ficando abaixo do teto da meta pela primeira vez no atual governo Lula e com a menor taxa desde 2018.

— A gente começou 2025 com dólar a R\$ 6,20. Naquele momento, a projeção de inflação rompia muito o teto da meta. Fechar o ano com 4,26% é realmente uma dinâmica muito favorável — avalia Luciano Costa, economista da Monte Bravo.

Economistas afirmam que a forte elevação feita pelo BC na taxa básica de juros, a Selic, que chegou a 15% ao

ano, foi essencial para evitar que o IPCA estourasse a meta, com a desaceleração da economia. Além disso, a combinação de boas safras, com condições climáticas favoráveis, e a valorização do real frente ao dólar fizeram com que o grupo de alimentação no domicílio desacelerasse de 8,23% em 2024 para 1,43% em 2025.

— No começo do ano passado havia analistas esperando quase 9% de inflação de alimentos no acumulado de 2025. Foi 1,4%, uma surpresa bem grande — disse Flávio Serrano, economista do BMG.

FAZENDA COMEMORA

O secretário executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, titular interino da pasta nas férias do ministro Fernando Haddad, celebrou: “Os 4,26% são o menor IPCA desde 2018, quando o desemprego estava em 11,6%. Agora está em 5,2%. Estamos entregando inflação e desemprego baixos”, escreveu Durigan no X.

O resultado anual, no entanto, permaneceu longe do

centro da meta de 3%. Alguns itens impediram que a desaceleração anual fosse maior. A energia elétrica foi a maior vilã de 2025, com alta anual de 12,31%.

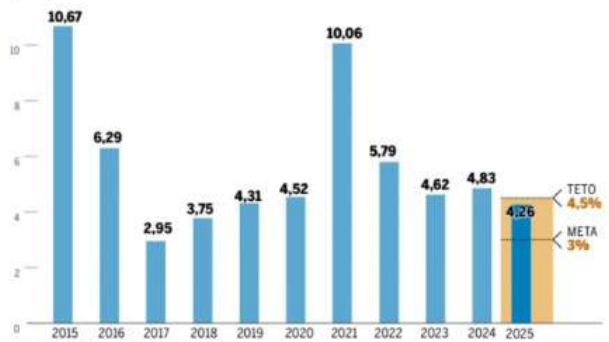
— Se não fosse isso, a gente talvez tivesse terminado com uma inflação em torno de 4% — afirma o coordenador dos índices de preços do FGV Ibre, André Braz.

Mas o grupo que mais preocupa os economistas é o de serviços, que acelerou de 4,78% em 2024 para 6,01%, impulsionado por um mercado de trabalho aquecido. O segmento de serviços representa cerca de 30% do orçamento familiar. Se o grupo for somado aos dos preços monitorados — aqueles regulados pelo poder público, como luz, água e esgoto, transporte público e combustíveis —, que subiram 5,2%, representam juntos cerca de 55% da renda das famílias.

— Mais da metade do orçamento familiar teve que conviver com a inflação um ponto acima do teto da meta. E é isso que ainda coloca a gente num cenário de inflação

A variação anual do indicador

(Em %)



que preocupa — diz Braz.

Segundo os economistas, o mercado de trabalho ainda aquecido — com o desemprego em mínimas históricas e a renda batendo recordes consecutivos — é o principal responsável pelo cenário.

Já é consenso que o BC iniciará um ciclo de cortes de juros este ano, mas as apostas se dividem: se será na reunião do Copom nos dias 27 e 28 deste mês, ou em março. Para muitos analistas, é justamente a inflação de serviços que deve manter o BC cauteloso.

— Se a atividade não desacelerar tanto e o mercado de trabalho não piorar um pouco, a inflação de serviços ainda vai ficar puxada. Isso é um grande desafio para o BC ao longo de 2026 — diz Serrano.

Mais otimista, Costa vê motivos para um corte na Selic já neste mês:

— A inflação em 12 meses está caindo, as expectativas de

inflação estão bem ancoradas com o processo de queda, mas o juro real continua subindo. Portanto, não faz sentido apertar passivamente o juro real quando a economia está dando sinais de desaceleração. Então, o BC deveria começar o corte de juros em janeiro.

ELEIÇÕES E INCERTEZAS

Para este ano, os economistas preveem preços de alimentos mais pressionados por um lado e, por outro, alívio da energia elétrica, com bandeira tarifária verde, e uma menor inflação dos serviços pela desaceleração da economia. Serrano e Braz veem o ano terminando com IPCA em torno de 4%. Mas citam incertezas sobre as políticas de Donald Trump e a eleição presidencial de outubro, que podem trazer volatilidade ao câmbio.

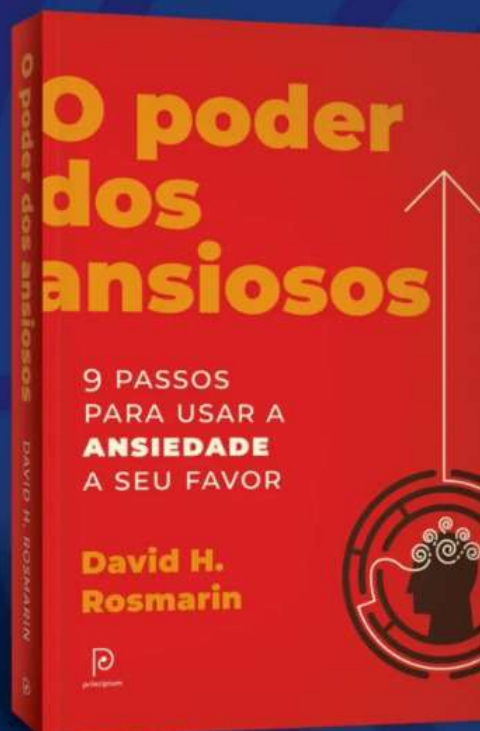
O secretário de Política Econômica da Fazenda, Guilherme Mello, reconheceu o

papel da atuação do BC no combate à inflação em 2025. Mas, ao GLOBO, destacou fatores além da eficácia da política monetária:

— O IPCA mostra que a política monetária funciona. Mas mostra também que houve um esforço de coordenação de política econômica, principalmente do final do último trimestre do ano passado até o terceiro trimestre deste ano.

Ele enfatiza que os 4,26% são o melhor resultado do atual governo Lula, que começou o ano passado com o mercado projetando que seria o pior da gestão.

Para Mello, os números da inflação reforçam o debate sobre qual é a real capacidade de crescimento da economia, o chamado PIB potencial. Ele pondera que “uma taxa de desemprego mais baixa não necessariamente representou uma inflação muito mais pressionada”.



Transforme sua ansiedade em uma aliada poderosa

Em *O poder dos ansiosos*, David Rosmarin, professor da Faculdade de Medicina de Harvard e um dos maiores especialistas mundiais em saúde mental, ensina como fazer com que a ansiedade trabalhe a nosso favor, nos tornando mais fortes, bem-dispostos e produtivos em todas as esferas da vida.

Disponível nas lojas on-line, livrarias e em e-book

